IDENTIDADE E RECONHECIMENTO DO MOVIMENTO NEGRO NA PERSPECTIVA DE LEOPOLD SÉDAR SENGHOR

Miguel Armindo Caquarta[1]
Douglas Ochiai Padilha[2]

RESUMO

Este trabalho analisa a identidade e o reconhecimento do movimento negro na perspectiva de Léopold Sédar Senghor, buscando compreender como ele descreve e problematiza a identidade africana. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, baseada na análise de textos literários e ensaios de Senghor. Foram selecionados trechos relevantes de suas obras, que abordam diretamente as temáticas da identidade e do reconhecimento. No desenvolvimento deste estudo, procuramos explicar e contextualizar a concepção de negritude formulada por Senghor, explorando suas origens, características e implicações filosóficas e culturais. Além disso, investigamos como essa concepção influencia o processo de reconhecimento e afirmação da identidade negra, considerando seu impacto na autoestima, no orgulho étnico e na consciência cultural dos povos africanos e da diáspora negra. Também é analisado o papel da identidade negra no empoderamento da comunidade afrodescendente, com ênfase na luta por respeito, igualdade e valorização cultural. Espera-se que os resultados desta pesquisa contribuam para uma maior compreensão da relevância da negritude na obra de Senghor, no contexto da identidade e do reconhecimento do movimento negro. Ao final do trabalho, apresenta-se uma análise crítica dos textos de Senghor, destacando suas principais contribuições para o debate sobre a identidade africana e o reconhecimento das diferenças culturais.

Palavras-chave: Identidade. Reconhecimento. Negritude. Cultura. Religião. Negro.

[1] Graduando de Filosofia. FAE Centro Universitário. *E-mail*: miguel.caquarta@mail.fae.edu

[2] Professor da FAE Centro Universitário. Doutor e Mestre em Sociologia, graduado em Ciências Sociais. *E-mail*: douglas.padilha@fae.edu

INTRODUÇÃO

A filosofia africana emerge como um campo vital de estudo, refletindo as experiências e tradições dos povos africanos, mostrando que em um mundo historicamente marcado por colonialismo e desigualdade, essa filosofia oferece uma perspectiva única sobre a identidade, a espiritualidade e a comunidade. O pan-africanismo, por sua vez, busca unir os povos africanos e da diáspora em uma luta comum por direitos, dignidade e reconhecimento cultural, baseada na premissa de que as experiências dos africanos, independentemente de suas origens geográficas, estão interligadas e que a solidariedade é fundamental para a luta por justiça social. "O pan-africanismo nasceu no início do século XX entre os negros de língua inglesa, particularmente dos Estados Unidos e das Antilhas Britânicas" (Munanga, 2016, p.111).

O problema central da pesquisa que se apresenta aqui é a análise da contribuição de Léopold Sédar Senghor para a filosofia africana e para o pan-africanismo, especialmente considerando que suas ideias podem ser aplicadas na contemporaneidade, pois vivemos em um mundo onde questões de identidade, racismo e desigualdade permanecem exacerbadas, os escritos de Senghor oferece um referencial importante para o entendimento e a valorização da cultura africana como um elemento essencial na construção de uma narrativa de mundo.

O movimento negro tem sido uma força poderosa na luta pela igualdade e pelo reconhecimento da identidade negra em todo o mundo. Neste enquadramento, vamos entender como é que Léopold Sédar Senghor aborda e conceitua a negritude em suas obras literárias e filosóficas, e de que maneira sua concepção influencia a identidade cultural e política do continente africano. A contribuição de Leopold Sedar Senghor, poeta, político e pensador senegalês, é fundamental. Senghor foi um dos principais líderes do movimento negro e um defensor da valorização da cultura africana e afrodescendente. Ao longo de sua vida, Senghor dedicou-se a promover a cultura negra e a lutar contra a marginalização e a discriminação sofridas pelos negros em todo o mundo. Sua obra enfatiza a importância do reconhecimento da identidade negra e da valorização da contribuição da cultura africana para a humanidade.

Léopold Sédar Senghor foi um destacado poeta, filósofo e político do Senegal, nasceu em 9 de outubro de 1906, em Joal, Senegal, e cresceu em uma família católica. Destacou-se academicamente, ganhando uma bolsa para estudar em Paris, onde finalmente obteve seu doutorado em literatura francesa. Durante sua estadia na França, Senghor envolveu-se com os círculos literários e intelectuais da época, fazendo amizade com figuras como Aimé Césaire e Jean-Paul Sartre. Senghor foi um dos fundadores do movimento literário conhecido como Negritude, que encorajava a valorização da cultura e identidade africana.

Ele também foi ativo na política e se tornou o primeiro presidente do Senegal após a independência do país do domínio francês em 1960. Durante seu mandato, Senghor buscou promover a cooperação internacional e a unidade africana, além de implementar políticas de desenvolvimento econômico e social. Senghor é considerado um dos intelectuais africanos mais influentes do século XX e contribuiu significativamente para a valorização da cultura africana e a luta contra o colonialismo. Ele faleceu em 20 de dezembro de 2001, deixando um legado duradouro tanto na política quanto na literatura africana.

Em 1945, Senghor co-fundou o movimento Negritude com Césaire, um movimento literário e cultural que procurava expressar e celebrar a identidade e a cultura negra. A poesia de Senghor frequentemente explorou temas de herança africana, identidade racial e o sentimento de pertencer a múltiplas culturas. Suas obras mais famosas incluem as coleções "*Chants d'ombre*" (1945) e "*Hosties noires*" (1948).

Além de suas realizações literárias, Senghor também foi um político ativo. Serviu como deputado na Assembleia Nacional Francesa de 1945 a 1958 e mais tarde tornou-se o primeiro Presidente do Senegal, servindo de 1960 a 1980. Durante a sua presidência, Senghor concentrou-se na promoção da identidade, cultura e desenvolvimento econômico africanos.

O impacto de Senghor na literatura e na identidade cultural africana não pode ser exagerado. Os seus escritos e a defesa da Negritude inspiraram gerações de escritores e intelectuais africanos, e ele é frequentemente considerado um dos fundadores da literatura africana. O legado de Senghor continua a moldar as conversas sobre raça, identidade e cultura em África e no resto do mundo.

1 CONTRIBUIÇÃO PARA O RECONHECIMENTO E EMPODERAMENTO DA IDENTIDADE NEGRA

Senghor nasceu em 1906 no Senegal, que na época fazia parte da África Ocidental Francesa, colônia controlada pela França. A colonização francesa impôs um sistema de dominação que seguiu os padrões de exploração e opressão racial e cultural presentes em todo o continente africano. A experiência de colonização e a vivência de Senghor como um intelectual africano educado na França o levaram a refletir sobre a identidade e a cultura negras, que foram historicamente desvalorizadas e subjugadas. Senghor e outros líderes negros estavam buscando o reconhecimento e empoderamento da identidade negra devido às longas histórias de opressão, discriminação e marginalização sofridas pelo povo africano e afrodescendente ao longo dos séculos.

Segundo Alves (2018), a negritude, movimento liderado por Senghor, Aimé Césaire e Léon Damas, surgiu como uma resposta à negação da cultura africana e à imposição de padrões culturais eurocêntricos que inferiorizam e desumanizam as pessoas negras. Ao falar sobre negritude, Senghor estava buscando reafirmar a importância e a beleza da herança africana, promovendo um orgulho e uma consciência aos negros.

No contexto das resistências e lutas anti-coloniais, a negritude representava uma forma de resistência cultural e política contra o sistema colonial. Ao afirmar a importância da herança africana e da cultura negra, Senghor e outros intelectuais e ativistas do movimento da negritude estavam desafiando as narrativas eurocêntricas que justificavam a exploração e a marginalização dos povos africanos. Além disso, a negritude foi uma forma de solidariedade entre os povos africanos e afro-descendentes em todo o mundo, incentivando a união e a cooperação na luta por emancipação e igualdade. Segundo Sanches (2011), o movimento da negritude teve um impacto significativo nas lutas anticoloniais e na consciência negra, influenciando gerações posteriores de pensadores e ativistas africanos.

Quando falamos de reconhecimento e empoderamento da identidade negra são questões fundamentais para promover a igualdade e a justiça social. Este processo envolve o reconhecimento e valorização da cultura, da história e das contribuições dos povos negros, bem como o fortalecimento da autoestima e do orgulho racial. Segundo Senghor (1967), o não reconhecimento da identidade negra começou com a opressão e subjugação dos povos africanos durante a colonização europeia. Durante séculos, os africanos foram escravizados, marginalizados e desumanizados, levando a uma negação de sua própria identidade e cultura. Com a disseminação do colonialismo e do racismo, os africanos foram ensinados a envergonhar-se de sua cor de pele, de suas raízes e de sua herança cultural. A ideologia de superioridade branca promovida pelos colonizadores contribuiu para a desvalorização e a marginalização da identidade negra. Senghor (1998), no que diz respeito a negritude, traz uma contribuição significativa para o reconhecimento e empoderamento da identidade negra, pois promove com suas obras um senso de orgulho, pertencimento e resistência entre as pessoas negras. A negritude é uma resposta positiva à negação da identidade e cultura africanas que ocorreu durante o período colonial. O autor argumenta que a negritude é uma celebração da diversidade e riqueza das culturas africanas e uma afirmação da identidade negra.

> Eis a alma negra, se é que ela pode ser definida. Admito que ela seja filha do seu meio e que a África seja o «continente negro». É que aqui a ação do meio é particularmente sensível, devido a essa luz tão primitivamente pura na savana e nos confins da floresta onde nasceram as civilizações; despojada, valoriza o essencial como a essência das coisas, devido a esse clima cuja

> violência tanto exalta quanto doméstica. Admito-o, se isso explicar melhor. De qualquer modo, essa alma explica, por sua vez, a religião e a sociedade. Diz-se, e repete-se ainda mais, que o Negro nada traz de novo no domínio da religião. Nem dogma, nem moral, apenas uma certa religiosidade. Mas, se refletirmos nisso, não residirá o essencial nessa palavra de desprezo, ou antes no próprio desprezo? Quero, contudo, examinar o dogma e a moral dos negros sem me iludir. Antes de mais, estas distinções não são aceitáveis. «Sede negros entre os negros»; e eles não sabem dividir, nem contar, nem sequer distinguir (Senghor, 1998, p.77).

1.1 A IDENTIDADE ENTRE A NEGRITUDE E A FRANCESIDADE

Senghor (1964) partiu da ideia de que houve uma unidade identitária entre os povos negros antes da colonização, baseando-se em elementos culturais e históricos compartilhados, como a origem africana, o sentido de comunidade e a espiritualidade, pois acreditava que a colonização e a escravidão foram responsáveis por destruir essa identidade e que era necessário resgatá-la e reconstruí-la através do reconhecimento e valorização da cultura africana. O reconhecimento da identidade negra desempenha um papel crucial, pois a negritude permitia que às pessoas negras se reconectarem com sua herança cultural, história e tradições, ajudando-as a se afirmarem como indivíduos e como parte de uma comunidade cultural maior. A negritude fortalece a autoestima e o orgulho da identidade negra, permitindo que os indivíduos superem os estereótipos negativos e as narrativas dominantes que foram impostas durante o período colonial. Senghor (1964), argumentava que o entendimento e a valorização da negritude eram essenciais para a construção de uma identidade negra positiva e para o empoderamento dos indivíduos e comunidades negras.

Para Mendes (2022), Senghor defendia que a negritude não se limitava apenas aos africanos, mas era uma experiência compartilhada por todas as pessoas negras ao redor do mundo. Ele via a negritude como um movimento global, que buscava a solidariedade e a união entre os povos negros, independentemente da sua nacionalidade ou localização geográfica.

Senghor era um defensor da negritude e um crítico do colonialismo, mas, ao mesmo tempo, também admirava a cultura e a missão da França. Em 1941, ele foi capturado e se tornou prisioneiro na Alemanha. Durante seu tempo no Front Stalag 230, a leitura das obras do humanismo francês foi valiosa para ele, pois o ajudou a relembrar suas raízes e sua identidade. Senghor acreditava nessa missão da França de conduzir as civilizações exóticas rumo a um ideal de cultura e avanço intelectual, pois a valorização da cultura africana não significava um isolamento cultural, mas sim uma contribuição

para a diversidade e o enriquecimento das trocas culturais globais. Nesse sentido, podemos afirmar que o ideal civilizatório proposto por Senghor consistia em resgatar e valorizar as tradições africanas, promovendo o diálogo intercultural e a valorização da diversidade cultural como forma de construir uma sociedade mais justa, equitativa e solidária, acreditasse que "a preservação e valorização da cultura africana era essencial não apenas para o continente africano, mas também para todo o mundo, pois ofereceria uma perspectiva única e valiosa para o desenvolvimento humano" (Senghor, 1964, p.318). De certo modo, a ambiguidade de Senghor foi acreditar que *Négritude* e *Francité* (Negritude e Francesidade) poderiam ser conceitos complementares. E o intelectual africano foi bastante claro ao afirmar:

> Hoje, mais do que nunca, estamos conscientes de nossas deficiências: as lacunas da civilização negro-africana. Eis porque nós sempre nos recusamos a recusar as contribuições europeias, principalmente os valores franceses. Estes são complementares aos nossos (Senghor,1964, p.318).

Assim, podemos ressaltar a importância de reconhecer e valorizar a diversidade de conhecimentos e contribuições de diferentes culturas, destacando a complementaridade entre a civilização negro-africana e os valores europeus, especialmente os franceses. Uma vez que a negritude, como movimento cultural e político, busca afirmar a identidade e a dignidade dos povos negros, ao mesmo tempo em que reconhece a importância do diálogo e da troca de experiências com outras culturas. Nesse sentido, a valorização das contribuições europeias não implica em negar a própria herança cultural, mas sim em enriquecer e ampliar o repertório de conhecimentos e possibilidades. A negritude, não se trata de um isolamento ou fechamento em si mesma, mas sim de uma afirmação e valorização da diversidade e da riqueza cultural de diferentes povos e tradições.

2 A CONCEPÇÃO DE NEGRITUDE DE LÉOPOLD SÉDAR SENGHOR

A negritude é um movimento cultural, político e intelectual que surgiu no século XX, isto na década de 1930, com intuito de valorizar a identidade e a cultura negra, além de lutar contra o racismo e a colonização, especialmente entre intelectuais negros do Caribe e da África, como uma resposta ao racismo e à opressão enfrentados pelas pessoas negras. O termo negritude foi cunhado pelo poeta e político martinicano Aimé Césaire, mas ganhou destaque e influência através do pensamento do escritor e político senegalês Leopold Sedar Senghor.

> É fundamental reconhecer que a análise da negritude histórica considera um grupo de intelectuais que lidava com diversas questões, resultantes não apenas da situação política e social, mas também das próprias questões ideológicas surgidas com a chegada do mundo moderno ou de uma ideia mais ampla de modernidade. Cabe também apontar que será utilizado o conceito de geração desenvolvido e analisado por Jean François Sirinelli para operar com as movimentações sociais ocorridas entre alguns dos principais intelectuais da négritude (Durão, 2020, p.70).

Leopold Sedar Senghor foi um dos principais expoentes da negritude e desenvolveu uma concepção particular dessa ideologia, em que defendia que a negritude não era apenas uma rejeição ao racismo e uma valorização da cultura e identidade negra, mas também uma filosofia que abrangia a contribuição única dos povos negros para a humanidade. Para Senghor, a negritude era uma expressão positiva e afirmativa que celebra a beleza, o ritmo, a música, a dança e a espiritualidade presentes nas culturas africanas e afrodescendentes. Ele argumentava que a negritude era uma força criativa que poderia enriquecer a cultura universal, trazendo uma perspectiva única e necessária para o mundo:

> A négritude deve ser percebida como um "projeto coletivo" de transformações literárias e ideológicas que mesmo não levantando uma agenda de manifestações culturais pôde representar a expressão artística e cultural dos intelectuais negros falantes do francês. Outro ponto que pode se perceber com essa movimentação é de que esses intelectuais cumpriram um duplo papel: foram influenciados por uma intelectualidade europeia em relação a cultura e ao saber, originários da "civilização francesa", e ao mesmo tempo eles representaram um desejo de mudança como uma obrigação de fazer algo diferente no retorno aos seus territórios ainda colonizados. A maioria dos críticos da negritude enquanto movimento diria que o que mais atrapalhou foi a ligação com a agenda política francesa, contudo acreditava-se que seja mais correto na perspectiva dentro do campo de possibilidade definir a ambiguidade nas posturas e análises de seus ex-integrantes (Durão, 2020, p.73,74).

Em sua obra Crítica da razão negra, o professor Mbembe considera que Fanon está correto ao afirmar que o Negro era uma figura, ou até mesmo um objeto, criado pelo Branco e moldado por seu olhar, gestos e atitudes, sendo construído dessa maneira ao longo do tempo "através de mil detalhes, anedotas, relatos" (Mbembe, 2022, p. 88). Devemos acrescentar que, por sua vez, o Branco é, em muitos aspectos, uma construção da imaginação europeia que o Ocidente tem se empenhado em naturalizar e universalizar.

> Na visão de Mbembe, o nome Negro o assombramento para milhões de pessoas a panhadas nas redes da dominação de raça, de verem funcionar os seus corpos e pensamentos a partir de fora, e de terem sido transformadas em espectadores de qualquer coisa que era e não era a sua própria vida (Mbembe, 2022, p.19).

No que diz respeito à criação do termo e do movimento "Negritude", Jean Paul Sartre comenta em *Orphée noir* (1948): "momento de negatividade, ele pega essa palavra 'negro' que foi atirada nele como uma pedra".

As perspectivas dos dois autores mencionados nos mostram que ambas as expressões transmitem e propagam uma mensagem negativa, opressora e de dominação. Neste sentido podemos dizer que a concepção de negritude de Senghor pode ser entendida em três aspectos principais:

a) o cultural;

b) o político;

c) o existencial.

No aspecto cultural, podemos compreender que Senghor acreditava na valorização da cultura negra como uma forma de resistência ao colonialismo e ao racismo. Ele considerava que os africanos tinham uma herança cultural rica e única que deveria ser preservada e valorizada. Para Senghor (1998), a cultura negra era marcada por elementos como a música, a dança, a religiosidade, a oralidade e a comunidade:

> O que é a cultura? O que é a religião? Durante o tempo em que ensinei em Paris a cadeira de Línguas e Civilizações Negro-Africanas, ganhei o hábito de definir Cultura como o espírito da civilização. Tratava-se de uma definição demasiado intelectualista. Tendo em vista os dados da experiência e o actual contexto mundial do diálogo das civilizações, tal como o descreveu o padre Pierre Teilhard de Chardin, na primeira metade do século xx, eu diria que a Cultura é o conjunto dos valores que informam uma civilização, enquanto a Religião, como todos sabem, é o conjunto de crenças e de ritos que unem o visível ao invisível, o homem a Deus. Os grandes biólogos atuais, a começar pelo meu antigo mestre Paul Rivet, não distinguem entre biologia e cultura, da qual a religião seria um aspecto, se bem que dos de maior grandeza. Sobre este aspecto, recomendo a leitura do best-seller do professor Jacques Ruffié, intitulado Da Biologia à Cultura (Senghor,1998, p. 301).

A identidade negra foi criada e moldada ao longo da história, principalmente durante o processo de colonização do continente africano. A colonização africana viu a exploração desenfreada dos recursos naturais e do trabalho humano pelos colonizadores europeus, o que resultou em uma estrutura de poder racial que colocou os povos africanos em uma posição de inferioridade e marginalização. Durante esse período, os povos africanos foram tratados como mercadorias e forçados a trabalhar em condições desumanas nas plantações e minas dos colonizadores. Essa situação levou à perda de identidade cultural e à rejeição de suas origens ancestrais, resultando em uma identidade negra coletiva que os enquadrou como uma única entidade homogênea, independentemente de suas diversas culturas, línguas e tradições.

> O negro-africano abandona sua personalidade para identificar com outro, morre para renascer no outro. Ele não assimila, ele é assimilado. Vive uma 16 vida comum com o outro; vive numa simbiose [...]. O negro-africano quando ele encara o objeto a ser conhecido, quando olha o outro: Deus, homem, animal, arvore ou pedra, fenômeno natural ou social. em contraste com europeu, o negro-africano não se distingue do objeto; ele não permanece a distância, nem meramente o olha e o analisa. Depois de vê-lo a distância e de analisa-lo, o negro-africano toma o objeto em suas mãos vibrantes, tendo cuidado para não o fixar e mata-lo. ele o toca, ele o apalpa, ele o sente (Senghor,1960, p. 84 *apud* Nhaslambé, 2021, p.16).

A identidade negra foi construída a partir do trauma e da exploração impostos pelos colonizadores, resultando em uma experiência compartilhada de marginalização e opressão. Mesmo após a independência dos países africanos, essa identidade foi perpetuada ao longo do tempo e ainda influencia as experiências e percepções dos povos negros em todo o mundo.

No aspecto político, Senghor procurava defender a independência dos países africanos e a formação de uma identidade pan-africana. Ele acreditava que os africanos deveriam se unir em uma luta comum contra a dominação colonial e o racismo, em busca de sua liberdade e autonomia. Senghor foi um dos principais líderes políticos do Senegal após a independência em 1960, sendo o primeiro presidente do país.

No aspecto existencial, Senghor abordava a negritude como uma forma de resgate da identidade negra. Ele considerava que a negritude não era apenas uma questão cultural ou política, mas também uma experiência existencial, ligada às vivências e percepções dos indivíduos. Senghor defendia a valorização da negritude como um elemento essencial da construção da identidade pessoal e coletiva dos africanos e afro-americanos. Tal como o pan-africanismo, que busca a união e solidariedade dos povos africanos e afrodescendentes ao redor do mundo, promove a valorização da identidade negra e a luta contra o racismo e a discriminação, buscando alcançar a emancipação e o empoderamento da comunidade negra globalmente. Senghor contribuiu para o movimento pan-africanista ao defender a importância da negritude como parte fundamental da identidade africana e afro-americana.

2.1 PAN-AFRICANISMO E NEGRITUDE

O pan-africanismo defendia a unidade e solidariedade dos povos africanos e afrodescendentes em todo o mundo, buscando a libertação do continente africano do domínio colonial e a promoção da igualdade e justiça para todos os africanos. O movimento pan-africanista teve um papel fundamental na luta pela independência das nações africanas colonizadas e na promoção da consciência negra e do orgulho africano.

> O pan-africanismo apareceu no começo do século XX entre os negros de língua inglesa, principalmente nos Estados Unidos e nas Antilhas Britânicas. A primeira conferência pan-africana foi conduzida em Londres em 1900, organizada pelo jurista de Trinidad, Henry S. Williams. Após a Primeira Guerra Mundial, o movimento ganhou força com a liderança de Georges Padmore e W. E. B. Dubois. Para eles, a luta de um povo por sua independência nacional fortalecia a luta de outros povos e vice-versa, destacando que o combate ao colonialismo deveria ser coletivo, não isolado. Tanto a negritude, como uma posição intelectual, quanto o pan-africanismo, como uma postura política, coincidem ao afirmar que todos os africanos compartilham uma civilização comum e devem unir forças em sua luta. Nesse sentido, o movimento da negritude e o movimento do pan-africanismo pertencem à africanidade no plano da ação (Maquet,1967, p. 7-15 *apud* Munanga, 2016, p.111).

O pan-africanismo também se relaciona com o movimento da negritude, que busca afirmar a identidade e a cultura negras como parte fundamental da história e do desenvolvimento da humanidade. Ambos os movimentos têm em comum o reconhecimento da diversidade cultural e étnica do continente africano, ao mesmo tempo em que defendem a unidade e a solidariedade entre seus povos.

A concepção de negritude teve um impacto significativo não apenas no campo intelectual e artístico, mas também na política. Senghor procurou promover a negritude e os valores africanos em sua governança, enfatizando a importância da cultura e da identidade na construção de uma nação. A negritude de Leopold Sedar Senghor, assim como outras concepções dentro do movimento, desafiou as noções eurocêntricas de beleza, cultura e história, e buscou afirmar a dignidade e a contribuição dos povos negros para a humanidade. Sua influência e legado continuam a ser importantes para a compreensão e valorização da diversidade racial e cultural em todo o mundo. A importância da solidariedade entre os povos negros e a necessidade de se unirem na luta contra o racismo e a opressão. Ele defendia a valorização da cultura africana e a construção de uma identidade negra orgulhosa e consciente, como forma de resistência e empoderamento.

3 O IMPACTO DA IDENTIDADE NEGRA NO CRESCIMENTO DA COMUNIDADE AFRODESCENDENTE

A negritude, enquanto conceito e movimento cultural, desempenha um papel fundamental na compreensão do empoderamento dos afrodescendentes, promovendo a valorização da identidade, cultura e história africanas. O termo negritude não se restringe apenas à cor da pele, mas abarca uma rica herança de experiências, luta

e resistência que os povos africanos e seus descendentes vivenciaram ao longo dos séculos. A partir da negritude, os afrodescendentes encontram uma forma para reivindicar seus direitos, celebrar suas origens e desafiar as narrativas hegemônicas que muitas vezes marginalizam suas vozes. Negritude não apenas valoriza a herança africana, mas também promove uma autoimagem positiva e um sentido de pertencimento entre os afrodescendentes. O termo ganhou proeminência a partir da "*veille negritude*[3]", um movimento cultural e intelectual que surgiu no início do século XX.

A *veille negritude*, ou velha negritude, foi um precursor importante da negritude moderna. No contexto da colonização e da dominação racial, essa corrente representa uma conscientização precoce sobre a necessidade de reafirmar e celebrar a identidade negra. Durante esse período, intelectuais e líderes afrodescendentes começaram a explorar e valorizar suas tradições culturais e históricas como uma forma de resistência e afirmação. Esse movimento preparou o terreno para o desenvolvimento da negritude como um conceito mais abrangente e estruturado, que ganhou força com a obra de autores como Aimé Césaire e Léopold Sédar Senghor na década de 1930.

> A valorização da *veille négritude* como um movimento predecessor da negritude é crucial para estimular a produção artística e intelectual da comunidade negra internacional. Pois, as figuras proeminentes da negritude, como Leopold Senghor e Aimé Césaire, destacaram as influências teóricas que adquiriram com esse movimento (Durão, 2020, p.57).

A expressão "do Harlem à Paris" (Durão, 2020, p.56-57) refere-se ao período da década de 1920 em que ocorreram transformações vibrantes na história cultural, especialmente para a comunidade afro-americana. O Renascimento do Harlem, que floresceu nesse período, foi um movimento cultural que celebrou a arte, a literatura e a música afro-americanas, destacando figuras como Langston Hughes, Zora Neale Hurston e Duke Ellington, pois esse movimento não apenas trouxe à tona a rica herança cultural afro-americana, mas também desafiou as normas raciais e sociais da época. Ao mesmo tempo, Paris se tornou um refúgio para muitos artistas e intelectuais afro-americanos, que buscavam liberdade criativa e uma nova identidade longe da opressão racial dos Estados Unidos. A cidade oferecia um ambiente mais acolhedor e uma cena artística efervescente, onde muitos puderam se expressar livremente e interagir com outras correntes artísticas, como o surrealismo e o cubismo. Não há muitas pesquisas aprofundadas sobre a gênese desse movimento que conecta o Harlem a Paris. A intersecção entre essas duas culturas e a influência mútua que elas exerceram uma sobre a outra ainda é um campo que merece mais atenção acadêmica. A falta de

[3] Velha negritude (tradução nossa).

estudos pode ser atribuída a várias razões, incluindo a complexidade das experiências afro-americanas e a necessidade de uma análise mais crítica das dinâmicas sociais e políticas que moldaram esse período.

Segundo Durão (2020), o processo de transição do centro cultural do Harlem para Paris ainda é pouco estudado, e não se tem uma compreensão clara de como esse deslocamento foi percebido pelos próprios intelectuais americanos das décadas de 1920 e 1930. A crise econômica nos Estados Unidos no final da década de 1920, juntamente com a desilusão dos intelectuais em relação à segregação racial, pode ter sido um fator importante que levou à transferência do centro cultural da América para Paris. Este novo cenário europeu oferecia um ambiente mais receptivo e promissor para as produções intelectuais e artísticas dos negros, proporcionando uma plataforma onde suas vozes poderiam ser mais livremente expressas e reconhecidas.

> Esta civilização é composta de uma soma de respostas aos enigmas da natureza, de abordagens às demandas da "energia humana". Baseia-se numa metafísica, numa ontologia, em um espírito, que é cultura, e inclui moral, ciências e tecnologia, artes e letras, etc. Ela é filha da raça, da geografia e da história, que explicam as formas de sentir, pensar e agir de cada grupo humano (Senghor, 1967, p. 3, tradução nossa).[4]

A arte teve um impacto significativo na nova geração que viria a se autodenominar *Négritude*, ajudando-os na busca por aceitação e reconhecimento da presença negra no mundo. O surrealismo, por sua vez, foi um movimento que interagiu e se alimentou mutuamente com o *Négritude*, através da troca de experiências e teorias entre os dois movimentos.

> Não se trata de uma "arte pela arte", que persegue um fim autónomo; é uma arte engajada na vida cotidiana, uma arte utilitária. Não estou dizendo antiestético, muito pelo contrário. Mas a estética negro-africana não é a estética greco-latina. É um paradoxo, a arte negra só é verdadeiramente estética na medida da sua utilidade, do seu carácter funcional. Você me entenderá melhor se eu acrescentar que é uma arte coletiva. Não é assunto só de alguns profissionais, mas de todos, porque é feito por todos e para todos. Canções e danças pontuam o trabalho, acompanhando-o e ajudando na realização do trabalho do homem (Senghor, 1967, p. 8, tradução nossa).[5]

---

[4] *Cette civilisation est constituée d'une somme de réponses devant les énigmes de la nature, de démarches devant les exigences de «énergie humaine». Elle est fondée sur une métaphysique, sur une ontologie, sur un esprit, qui est la culture, et elle comprend les mœurs, les sciences et les techniques, les arts et les lettres, etc. Elle est fille de la race, de la géographie et de l'histoire, qui expliquent les façons de sentir, de penser et d'agir de chaque groupe humain (Senghor, 1967, p.3).*

[5] *Il ne s'agit pas d'un « art pour l'art », poursuivant une fin autonome; il s'agit d'un art engagé dans la vie de tous les jours, d'un art utilitaire. Je ne dis pas anti-esthétique, tout au contraire. Mais 'esthétique négro-africaine n'est pas l'esthétique gréco-latine. C'est un paradoxe, l'art nègre n'est réellement esthétique que dans la mesure de son utilité, de son caractère fonctionnel. On*

Segundo Durão (2020), Senghor enfatiza que a geração dos novos negros teve um papel crucial na criação artística e na valorização do negro como ser humano, cultivando orgulho em suas diversas potencialidades intelectuais. Além de perceber que o preconceito sofrido com a segregação era similar à situação das colônias, onde o negro não era visto como cidadão e embora o discurso da assimilação exaltasse a igualdade entre todos, Senghor valorizava as manisfestações culturais defendidas por eles, percebeu também que a escravidão teria mantido certos valores africanos importantes, cujo o tempo não apagou, como traços de animismo e da tradição folclórica representada por meios espirituais.

CONCLUSÃO

Leopold Sedar Senghor, um dos principais teóricos e poetas do movimento da negritude, apresenta uma visão rica e multifacetada da experiência das mulheres e homens negros, destacando a importância da cultura africana e suas contribuições para a humanidade. A negritude, segundo Senghor, é uma afirmação da identidade negra que busca valorizar as características únicas e a essência dos povos africanos, celebrando suas tradições, valores e modos de vida, e por outro Senghor argumenta que a negritude não se limita a uma mera reivindicação racial, mas se transforma em um movimento cultural e político significativo que visa restaurar a dignidade e o orgulho das mulheres e dos homens negros, em meio a uma história de colonialismo e opressão. Ele enxerga a negritude como uma rica herança espiritual e estética que deve ser expressa e reconhecida globalmente, desafiando a hegemonia da cultura ocidental.

A criação do movimento da negritude é, portanto, um marco fundamental na luta por reconhecimento e valorização da identidade africana, e traz consigo uma síntese entre o legado africano e as influências ocidentais, promovendo um diálogo intercultural que enriquece todo o povo africano como um todo, portanto, a relevância da negritude como uma força transformadora, que não apenas busca a libertação do indivíduo negro, mas também propõe uma visão integrada de um mundo mais justo e harmonioso, onde as diversas culturas possam coexistir e interagir de maneira respeitosa e enriquecedora.

---

me comprendra mieux si j'ajoute que c'est un art collectif. Il n'est pas seulement l'affaire de quelques professionnels, mais l'affaire de tous, parce que fait par tous et pour tous. Les chants et les danses rythment le travail en l'ac-compagnant et aident à l'accomplissement de l'œuyre de l'homme (Senghor, 1967, p.8).

REFERÊNCIAS

ALVES, Mariana Janaina dos Santos. Bruno de Menezes e Léopold Sédar Senghor: Poética, Negritude e Religiosidade. **Asas da Palavra**, [s.l]. v. 15, n. 1, p. 16-26, 2018. Disponível em: https://revistas.unama.br/index.php/asasdapalavra/article/view/1028. Acesso em: 12 mai. 2024.

ALVES, Mariana Janaina dos Santos. **Batuqueopique:** tradução cultural e negritude nos poemas de Léopold Sédar Senghor e Bruno de Menezes. Rio de Janeiro: Autografia, 2022.

DURÃO, Gustavo de Andrade. Léopold Sédar Senghor: **Uma narrativa sobre o movimento da Négritude**. Curitiba: Appris, 2020.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Traduzido por Sebastião Nascimento. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2022.

MENDES, Joel Nemona. Reflexões sobre a Autodesignação e a Positivação do Nome "Negro: Um olhar crítico sobre a Negritude (década de 1930) e o MNU (década de 1970). **Revista Educação em Foco**, [s.l.], n.14, p.91-111, 2022. Disponível em: REFLEXÕES-SOBRE-A-AUTODESIGNAÇÃO-E-A-POSITIVAÇÃO-DO-NOME-_NEGRO_1.pdf (unisepe.com.br). Acesso em: 12 mai. 2024.

MUNANGA, Kabengele. Pan-africanismo, negritude e Teatro Experimental do Negro. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 18, n. 1, p. 109-122, 2016. Disponível em: Vista do Pan-africanismo, negritude e teatro experimental do negro (ufsc.br). Acesso em: 13 mai. 2024.

NHASLAMBÉ, Luis Carlos Mida. **Socialismo africano: uma releitura de Leopold Sedar Senghor a partir da ontologia da força vital**. 2021. 25f. Projeto de Pesquisa (Bacharelado em Humanidades) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileiro, (UNILAB), São Francisco do Conde, 2021. Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2324/1/2021_proj_luisnhaslambe.pdf. Acesso em: 13 mai. 2024.

SANCHES, Manuela Ribeiro (org.). **Malhas que os impérios tecem**: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais. Lisboa: Edições 70, 2011.

SARTRE, Jean Paul. [1948]. Orphée noir. In: Senghor, Léopold. Sedar (org.). **Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française**. Paris: Presses Universitaires de France,1972. Publicado originalmente em 1948.

SENGHOR, Léopold Sédar. Vues sur l'Afrique noire, ou assimiler, non être assimilés. In:_____. **Liberté I - Négritude et Humanisme.** Paris: Éditions Le Seuil, 1964.

SENGHOR, Léopold Sédar. Qu'est-ce que la négritude? Études **françaises**, v. 3, n. 1, p. 3-20, 1967. Disponível em: smjegupr.net/wp-content/uploads/2012/08/Quest-ce-que-la-négritude.pdf. Acesso em:11 set. 2024.

SENGHOR, Léopold Sédar. Cultura e religião na África. **Povos e Culturas**, v. 6, p. 301-314, 1 jan. 1998. Disponível em: Léopold Senghor - Cultura e Religião em África | PDF | Aristóteles | África (scribd.com). Acesso em: 16 out. 2024.